



Dossiê:
O pensamento
de Jacques Ellul

JACQUES ELLUL: ANARQUISTA, MAS CRISTÃO

por Patrick Troude-Chastenet¹

(Tradução: Katiúcia de Sousa Silva)

Eu imagino com prazer alguém lógico pensando sobre a seguinte questão: sabendo que, de uma parte, os anarquistas rejeitam toda forma de religião e que, de outra parte, os cristãos pregam a obediência ao poder político, como nós podemos ser ao mesmo tempo anarquistas e cristãos? Mas tanto dentro deste assunto, como em toda a sua obra, Jacques Ellul não se debruça em questões puramente abstratas, lógicas ou especulativas. Ele não intervém aqui como um especialista em filosofia política ou da história das idéias, nem como um teólogo. O que o preocupa é dar um sentido a sua própria história pessoal e através dela ajudar os cristãos e os anarquistas que, como ele, dolorosamente tiveram que conciliar este duplo compromisso, esta dupla fidelidade.

A tarefa não é fácil se nos cingirmos do senso comum. De um lado, anarquistas agrupados sob a bandeira negra do “Nem Deus, nem Mestre”, hasteada por Mikhail Bakunin. Por outro lado, os cristãos se apóiam em alguns versículos da Epístola de Paulo aos Romanos: “Todos devem se apresentar às autoridades responsáveis. Porque não

¹ Patrick Troude-Chastenet é professor da Université Montesquieu Bordeaux IV (CMRP-GRECCAP), presidente da Association Internationale Jacques Ellul, diretor do *Cahiers Jacques-Ellul* e membro do corpo de diretores da *The International Jacques Ellul Society*. Contato: patrick.troude-chastenet@u-bordeaux4.fr.



há nenhuma autoridade, exceto a de Deus, e as que existem foram ordenadas por Deus. Tanto assim que quem resiste à autoridade está se rebelando contra a ordem estabelecida por Deus”.

No entanto, ao custo de uma reflexão rigorosa e da arte da dialética, das quais Ellul tem o segredo, é possível prosseguir além desta incompatibilidade fundamental.

Em *Anarchie et christianisme* [Anarquia e cristianismo] (1998), Ellul reconheceu ter lido Proudhon em contraposição a Marx, mas ele estava ansioso para ler da mesma forma Feuerbach, d’Holbach, La Mettrie e outros pensadores materialistas para provar a solidez de sua fé. Depois do apologético cristão Lactâncio atribuir essa lógica a Epicuro, Bakunin acreditou ter encontrado o argumento contra o Deus cristão. Tendo em conta a existência do mal – do qual podemos observar manifestações todos os dias – ou Deus é todo-poderoso, mas não é bom; ou ele é bom, mas não é todo-poderoso. A oposição parece não ter fim. Ou Deus é bondoso e amoroso, mas não pode nada contra o mal na terra. Ou ele é Todo-Poderoso, mas é um Deus mal-feitor. Quando observamos um mundo como ele é, um Deus de amor e poder parece ser uma contradição em termos. Mas Ellul tem uma bela forma de mostrar que não é Deus, mas o próprio homem, quem faz o mal. Um Deus que forçaria o homem a fazer o bem implicaria em um homem-robô, precisamente o contrário da concepção elluliana de liberdade inspirada por Karl Barth. O grande teólogo protestante tem de fato ajudado a pensar dialeticamente a obediência do homem livre em relação ao Deus livre, que é a ideia central da

mensagem bíblica: a livre determinação da criatura dentro da livre decisão do Criador.

Ellul considera, de resto, que foi Bakunin, em seu livro *Deus e o Estado* quem melhor resumiu o conjunto da crítica anarquista à respeito da religião em geral e do cristianismo em particular. Depois, nada de decisivo foi escrito sobre o assunto do lado dos anarquistas.

Além dos argumentos apresentados em *Anarchie et christianisme*, é útil reconstituir um paralelo dos itinerários que conduziram Ellul à fé cristã no plano ético e à posição anarquista no plano político.

Dentro dos dois casos, nada essencial, nada previsível, nada incontornável, nada determinado mecanicamente por seu meio social, nada inscrito em qualquer idiossincrasia.

Seu pai era um grego ortodoxo por educação, mas *voltairiano* por convicção. Quanto a sua mãe, era protestante mas não mostrava publicamente suas crenças religiosas para não contrariar seu marido. A conversão de Ellul ao cristianismo tomou a forma de uma revelação brutal em dez de agosto de 1930, quando ele sentiu a presença de Deus depois de um longo processo de muitos anos, durante os quais ele se esforçou para escapar daquilo que estava a causar uma ruptura total de seu pensamento e de sua vida (Chastenet, 1994, pp. 86-88; Ellul; Troude-Chastenet, 2005).

Quanto a sua mobilização para a causa anarquista, ela se efetuiu também por etapas sucessivas. Ellul foi um ávido leitor e admirador de Marx. Mesmo tendo lido igualmente as obras de Proudhon, Kropotkin e Bakunin, para ele esses autores eram sempre



mais inferiores no plano teórico que o autor de *A Ideologia Alemã*. Até o início dos anos 1930, a leitura de Marx era para Ellul nada além de um puro exercício intelectual. Seu pai estava então desempregado, e ele se ressentia “que injustiça terrível que um homem desta qualidade se encontre nesta situação. Por sua análise do capitalismo e suas crises, Marx me proporcionou uma explicação para o drama vivido por meu pai” (Chastenet, 1994, p. 91; Ellul; Troude-Chastenet, 2005, p. 55). Ansioso para não permanecer em uma abordagem livresca, mas de mudar radicalmente a sociedade, Ellul teve o primeiro contato com os membros da SFIO – *Section française de l'internationale socialiste* [Seção Francesa da Internacional Socialista] –, mas desapontou-se por seu carreirismo, já que seus militantes comunistas mais se preocupavam com a linha do partido que com a hermenêutica marxista. Finalmente, é no seio do movimento personalista encarnado pelas revistas *Esprit et Ordre Nouveau*, que ele encontrou o momento de colocar em prática, no sudoeste da França, o pensamento de Marx e Proudhon.

Internacionalmente, os julgamentos de Moscou, os expurgos estalinistas sobre os marxistas, os quais eles admirava – como Boukarin, por exemplo – mas sobretudo o comportamento dos comunistas durante a Guerra Civil na Espanha começaram a aproximar Ellul dos anarquistas. Por meio de um antigo colega de classe, Ellul e sua mulher ajudaram jovens anarquistas espanhóis a ir à França em busca de armas. No plano interno, a chegada ao poder da *Front populaire* [Frente Popular] (1936-1937) o encheu de esperanças e convicção de que a hora da revolução havia finalmente

chegado. Foi, aliás, a única vez em que ele admite ter votado. A decepção foi proporcional às expectativas.

Após a Libertação, ele que tinha sonhado com a passagem da Ocupação – de acordo com o *slogan* do movimento *Combat*, “Da resistência à revolução” – assistiu, impotente, ao ressurgimento dos partidos tradicionais e dos poderes econômicos. Nessas condições, a França não merecia o qualificativo de democracia, ou ao menos, ela ilustrava apenas a fórmula de Marx: “A democracia é a capacidade das pessoas de poder escolher a quem estrangular!”

Quando em 1947, ele declarou pela primeira vez em público sua inclinação libertária, dentro do semanal protestante *Reforme*, ele tomou uma série de precauções:

eu afirmo que neste momento, e por algum tempo na França, a anarquia é a única solução possível. Eu não reivindico que seja o sistema do futuro, mas do presente; nem um regime universal, mas local e concreto. (Ellul, 1947)

Naquela época, Ellul já tinha muitas relações de amizade e tinha conduzido numerosas lutas ao lado de militantes anarquistas, mas esperou até 1974 para voltar ao assunto de uma forma muito mais audaciosa e fundamentada. Em um artigo intitulado *Anarchie et christianisme* – publicado inicialmente pela revista *Contrepoint* e reeditado em 2008 – Ellul lançou as bases do livro homônimo onde confirma que a posição anarquista era a mais adequada para permitir que um indivíduo se tornasse uma “pessoa” capaz de exercer um controle sobre as decisões tomadas em nome de um povo, de





Introduzir grãos de areia dentro de uma mecânica muito bem oleada, para criar tensões em um poder político totalitário por natureza.

Em resposta aos seus críticos, Ellul (2003, p. 259) frequentemente salientou que não se opõe ao Estado e à técnica, mas a sua sacralização aqui e agora. É a sua combinação, de forma inédita em toda a história da humanidade, segundo ele, que nos levou à fonte de alienação e reificação do homem. O Estado-nação tornou-se o poder de coordenação da organização técnica. Não podemos atingir um sem alcançar o outro. Nessas condições, a anarquia constitui uma atitude de resistência face à opressão tecno-estatal.

O livro *Changer de révolution* [Mudar de revolução] (1982) é inspirado em parte nas teses de Radovan Richta e de Ota Sik, mas também nas teorias *conseillistes* [conselhistas] que também seguem esta direção (Ellul, 1982). Assim como a microinformática permitiu sair do sistema técnico, “esses mesmos grãos esporádicos permitiram construir um socialismo revolucionário da liberdade”. Esse socialismo poderia colocar um fim a esta técnica? Esta técnica poderia se transformar em um instrumento para o socialismo? A conjunção destes dois movimentos não tem nada de automático, Ellul adverte. E de fato, na leitura de *Le bluff technologique* [Blefe tecnológico] (1988), percebemos que o encontro não aconteceu. Considerando que o seu livro *Mudar de revolução* gerou interpretações erradas, Ellul parece ansioso para justificar a continuação de sua análise:

Eu apenas disse que poderia haver uma mutação, se houvesse uma ligação entre meios técnicos e uma mudança de cento e oitenta graus na política econômica. Sugeri

também que o tempo para fazê-lo foi breve, talvez alguns meses, na melhor das hipóteses alguns anos. Esses anos se passaram. Agora é tarde demais para mudar o caminho da técnica. (Ellul, 1988, pp. 9-10)



Impressão confirmada por *Anarchie et christianisme* (1988), onde se apresenta o anarquismo como “a forma mais completa e mais séria do socialismo” (Ellul, 1998, p. 10), e onde Ellul nos diz também que o homem sendo quem é, faz com que a sociedade anarquista ideal não seja deste mundo.

Referências bibliográficas

- CHASTENET, P. (1994), *Entretiens avec Jacques Ellul*. Paris: La Table Ronde.
- ELLUL, J. (1947), *Propositions louches*. In: *Réforme*, 28/06/1947.
- _____. (1982), *Changer de révolution. L'inéluctable prolétariat*. Paris: Seuil.
[Edição brasileira: *Mudar de revolução: o inelutável proletariado*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985]
- _____. (1988), *Le bluff technologique*. Paris: Hachette.
- _____. (1998), *Anarchie et christianisme*. Paris: La Table Ronde (coll. La petite vermillon).
- _____. (2003) [1973], *Les nouveaux possédés*. Mille et une Nuits.
- _____. (2008), *Anarchie et christianisme*. In: TROUDE-CHASTENET, P. (dir.). (2008), *La Politique*, Le Bouscat, L'Esprit du Temps, diffusion PUF (coll. Cahiers Jacques Ellul), pp. 95-118.
- ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. (2005), *Jacques Ellul on politics, technology and Christianity*. Wipf and Stock, Eugene, Oregon, USA.

